

Uma pergunta no ar: Funaro conseguirá um acordo com o FMI?

“O sr. Funaro é um homem muito firme, sério e realista. Parece ter força política, o que é extremamente importante para que possa executar seu programa”, comentava ontem, após o encerramento da assembléia anual do FMI-Bird, uma importante autoridade monetária internacional.

Mas quando ouve a pergunta seguinte — “O sr. crê que conseguirá produzir um programa econômico aceitável para o FMI?” —, a autoridade pensa um pouco e responde: “Isso temos de esperar para ver”.

As organizações internacionais, contudo, não permitirão que se rompa o vínculo entre credores e devedores, precipitando o mundo numa outra grande crise, disse. “Não vamos deixar que isso aconteça”, afirmou ainda quando lhe foi perguntado se a comunidade internacional deveria preocupar-se com o cancelamento dos acordos do Brasil e do México com o Fundo Monetário e com a decisão peruana de tentar um caminho próprio para dobrar os bancos e escapar dos rigores do serviço da dívida.

“As implicações são muito sérias”, disse, ao explicar numa frase



cautelosa por que não acreditava na possibilidade de esses países romperem definitivamente com o processo negociador. No caso do Peru, afirmou, é preciso dar-lhes tempo.

A fonte elogiou a proposta do secretário do Tesouro, James Baker, no sentido de fortalecer as correntes de financiamento privado e oficial para os países altamente endividados.

Um aumento de 2,5% nos crédi-

tos bancários privados não parece muito, comentou, mas é mais do que os bancos estariam dispostos a destinar em certos casos. Provavelmente, a distribuição do aumento será desigual. Entretanto, o aumento moderado dos empréstimos permitirá aos bancos que recomponham sua base de capital, preparando-os para o reinício dos empréstimos voluntários dentro de uns cinco anos, disse a autoridade financeira.

Declarou acreditar na relevância da abertura dos mercados em todos os países do mundo como forma de estimular a expansão das atividades econômicas nas nações industrializadas e em desenvolvimento. Mas observou que os devedores estão traumatizados pela dívida e, portanto, temem importar volumes maiores que diminuam seus saldos.

A autoridade queixou-se amargamente da atitude dos países ricos, que aumentam seu protecionismo exatamente no momento em que os organismos internacionais convencem os países em desenvolvimento a liberalizar suas políticas de importação.

A.M.P.N.